

Dez razões para uma política lacaniana do sintoma[♦]

(ou A política do sintoma)

Marcus André Vieira

O tema de uma política psicanalítica do sintoma pode ser introduzido com a pergunta: Por quê valeria a pena, para a psicanálise e para saúde mental, falar hoje em sintoma?

Política é um aparente contraponto “macro” ao um-a-um da clínica, foi a maneira que encontramos para delimitar nosso programa de trabalho. Propor esta hipotética política do sintoma corresponde a traçar um plano para avaliar o quanto a psicanálise seria capaz de apoiar-se no que ela tem de mais concreto, o sintoma, para se fazer presente no mundo.

Neste sentido, seguem dez ângulos de delimitação do modo próprio de tratamento do sintoma pela psicanálise. Eles buscam, com base no ensino de Jacques Lacan, definir o raio de sua incidência em um plano “macro”, que chamaremos de *ação lacaniana*.¹

São, ao mesmo tempo, dez razões para a justificar a pertinência desta ação e se resumem do seguinte modo:

[O sintoma está em toda parte](#)

[O sintoma identifica](#)

[O sintoma é realidade](#)

[Há sintoma na loucura](#)

[Há real no sintoma](#)

[O sintoma é gozo](#)

[Acontecimento de corpo](#)

[Cifra e conexão](#)

[A felicidade do sintoma](#)

[A felicidade é Rosa](#)

[♦] Abertura do Curso “A política do sintoma”, do ICP-RJ ocorrido no Instituto Philippe Pinel. O curso se propunha como seminário preparatório para o XVII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano – Psicanálise e felicidade: sintoma, efeitos terapêuticos e algo mais. Agradeço a Leandro Reis pela transcrição e notas essenciais.

1 – O sintoma está em toda parte

Os integrantes de um grupo partilham sentidos e crenças. Esta comunidade de valores define quem rirá da piada ou se emocionará com o filme. Lacan resume: É preciso ser da mesma paróquia. A referência à religião, porém, parece pedir atualização. Ser da paróquia ganharia em alcance sendo traduzido, por exemplo, como ser *da mesma panela*. Não apenas porque a organização eclesial esteja menos presente em nossas vidas. A universalidade da Igreja católica perde decisivamente terreno em um mundo como nosso, feito de inúmeras galáxias, de uma coleção infinita de panelinhas, sem cozinha ou cozinheira. É como, por exemplo, descreve-se hoje nossa dor - a partir de uma proliferação estonteante de sintomas. O *DSM* é o paradigma, pois em lugar de doenças que, em seu conjunto, traduziriam o sofrimento humano como tal, ele propõe uma lista variável de sintomas agora denominados “transtornos” ou “síndromes” a ser customizada para cada um de acordo com a queixa.²

2 – O sintoma identifica

Neste mundo de inúmeros mundos os sintomas seguem sendo suporte de algum tipo de unidade. Passam a representar sujeitos e a oferecer identidades: AA, Mulheres que Amam Demais, Compulsivos de todo tipo etc. Cada vez menos propõe-se eliminar destes traços, mas sim identificar-se com eles. Hoje o sintoma é carteira de identidade, que cada um primeiro assuma seu gozo, depois veremos se será possível ou necessário a ele renunciar. Este fenômeno leva a pensar o corpo social como uma verdadeira sociedade de sintomas. Os Estados Unidos, a sociedade das painéis por excelência, seriam assim os *United Symptoms of América*. Combinam-se, ali, Uno e múltiplo, pois à explosão de sintomas responde seu uso como unidade, mesmo que precária. É o que pode nos autorizar a decliná-lo no singular e a buscar, em meio a galáxia de sintomas em que vivemos, aquele que poderá tornar-se nosso aliado por constituir, para alguém, a possibilidade de uma entrada em análise.³

3 – O sintoma é realidade

O analista tem que ser da panela? Até certo ponto sim. Ele precisa partilhar dos sentidos do que ouve. A psicanálise, porém, não abre mão de alguma universalidade. Foi o que fez com que Freud insistisse em buscasse um lugar na ciência para a prática que inventou. Exatamente por isso, porém, a psicanálise sofre os efeitos da fragmentação contemporânea. É que ela sempre contou com universais negativos, *não-seres*, até certo ponto impensáveis sem os seres a que se referem. O inconsciente, por exemplo, é definido por Freud como um espaço “entre” os órgãos e até mesmo a metáfora da arqueologia, tantas vezes utilizada, remete a não-seres, a um passado por reconstruir. Lacan, por sua vez, é ainda mais decidido no uso do negativo. Define o inconsciente como algo “não realizado” e insiste em termos como “hiância” e “falta”. A leveza da falta é tributária, porém, de uma solidez que lhe dê lastro. Nosso sujeito evanescente não existe sem um ego que lhe dê morada em suas frestas, e assim por diante. Na dificuldade generalizada de contar com os precários que sempre sustentaram a psicanálise o sintoma ganha importância toda especial por ser, sempre, um ser. Um sintoma, por definição, é reconhecido pelo Outro. Ele é um “dado”, elemento da realidade social compartilhada. Desta forma, promover, nosso modo específico de tratamento do sintoma pode ser uma maneira de preservar o lugar da psicanálise no Outro contemporâneo.⁴

4 – Há sintoma na loucura

Algo análogo acontece no campo da saúde mental que também lida com o não-ser da desrazão. Quando o manicômio, sólido contraponto para o universal negativo da loucura, desaparece, tudo fica mais complicado. É preciso construir novas noções como a “reabilitação psicossocial”, por exemplo, que em muitos aspectos ainda se sustenta na luta “anti” alguma coisa. Não foi à toa que a propósito da loucura Lacan apoiou-se no oxímoro kantiano “grandeza negativa”. A inacreditável extensão da ciência, porém, aliada ao capital, sustenta a crença em um “*tudo é possível*” generalizado. De fato, quem ousa hoje dizer que a ciência jamais poderá tal e tal coisa? Ora, se tudo é possível, nada, em si, não é, tudo pode talvez ser. É exatamente o que, seguindo-se a fórmula de Koyré, tende a eliminar os não-seres. Donde o mote contemporâneo: “o que não aparece, desaparece” que professa a eliminação entre nós do poder dos universais negativos. Neste contexto, o sintoma psicótico tem muito a nos ensinar. Diante de um Outro que tudo pode, o delírio, por exemplo, é a manobra subjetiva que vem, por meio de sua figuração imaginária, dar a este Outro um lugar mais ou menos fixo e que garante ao sujeito uma brecha, um espaço para respirar.⁵

5 – Há real no sintoma

Vocês poderiam argumentar que o mundo se acomoda muito bem com a queda dos universais e que isso é problema de lacanianos agarrados a seus conceitos metafísicos. Vejamos um exemplo: aprendemos com Lacan o que pregam hoje os *genders studies*, que a sexuação não é um fato biológico e que a genética não define universalmente nenhuma conduta sexual. Certo, mas e quanto ao universal da própria diferença sexual? Parece-nos mais difícil abrir mão dela. Muitas variações são possíveis a partir de uma polaridade de base, mas e quanto a essa polaridade? Seria ela igualmente dispensável? Como manter as proposições da psicanálise, incluindo as fórmulas lacanianas da sexuação, sem apelar para o “universal” da diferença sexual? Aqui a eclética opinião contemporânea põe lenha na fogueira: “não seria possível imaginar que quanto ao sexo, cada um tenha o seu?” De fato, o tema da *opção sexual* parece abrir a perspectiva de um sexo *à la carte*. Diante desse relativismo ambiente, nossa clínica tende a ser tomada como uma metafísica normativa a mais por apelar para uma essência masculina transcendental, por mais discursiva que seja. Não podemos abrir mão de um mínimo de real: nem tudo é construído, nem tudo pode ser redescrito ou reprogramado. Hoje, este papel cabe cada vez mais ao sintoma. Ele é uma objeção ao relativismo que atinge até mesmo os mais resistentes apóstolos do multi-culturalismo.⁶

6 – O sintoma é gozo

O sintoma é o que nos resta de universal? Para começar a responder a esta questão, uma parábola: sou gerente de um cinema e quero ser pós-moderno, pergunto-me então “para quê construir dois banheiros e não um somente? Desde que todos respeitem algumas limitações de tempo e modos de uso, cada um com seu sexo poderá utilizar o banheiro em uma verdadeira democracia urinária!”. Escoram-se nesse tipo de idéia as democracias representativas de hoje: cada minoria tem direito a sua diferença desde que conquiste um lugar para ela nos contratos e consensos que passam a reger a sociedade. O problema desta solução é que ela só funciona se cada um tiver definido sem sombra de dúvida a que time pertence. É preciso que o corpo e seus desejos estejam afinados, que sejam bem conhecidos e não aprontem surpresas, enfim, que gozo e corpo sejam um só. Ora, nem é preciso uma análise para perceber o quanto isso é ilusório.

Tudo o que hoje se realiza em termos de próteses e transplantes ou nomeia-se como *Body modification* demonstra o contrário. O corpo não poderia ser o princípio de unidade de nossos tempos porque ele não é um dado, mas uma construção ou, como diz Lacan, “temos um corpo, nunca somos um”. O real da diferença sexual está menos na diferença entre homem e mulher, do que naquela entre o corpo, sempre um pouco do Outro, e o gozo incomensurável, sempre obscuro, que vem habitá-lo. Na articulação entre corpo e gozo, que dá ao corpo o pouco de singularidade de que tanto precisamos, Lacan situa o sintoma. É seu modo de retomar a *sobredeterminação* freudiana: o sintoma é feito de significantes do Outro mais um ponto cego, um “umbigo”, constituindo, assim, um nó.⁷

7 – Acontecimento de corpo

Da definição mais tardia de Lacan, do sintoma como “acontecimento de corpo”, destacada por J. A. Miller, deve ser afastada, portanto, a idéia de que o corpo é que causaria o acontecimento. O evento a que se refere Lacan, ao contrário, é a vivificação/singularização de um corpo (até então pura estátua, imagem corporal vinda do Outro) pelo gozo obscuro que passa a habitá-lo. O sintoma assinala, no corpo, o acontecimento de um gozo. Mas a expressão diz mais. Ele é também o endereço desse acontecimento. Ele indica o ponto de cruzamento entre gozo e corpo. A imagem do litoral será usada por Lacan para materializar o que no sintoma é esta confluência e que ele aproxima com o termo *letra*. De que é feita? Lacan define: do abecedário das *marcas* que sobre a criança deixaram os cuidados maternos ou, em outros termos, da incidência, sobre o falasser, do discurso do Outro.⁸

8 – Conexão

Apesar de, em si, não serem texto, essas marcas, prestam-se à leitura. Por isso, como o elétron no acelerador de partículas, às vezes matéria, às vezes antimatéria, seu destino depende do que fará seu portador. É o que permitiu a Freud tomar a cifra do sintoma como mensagem endereçada. De mal-acidental, acontecimento patológico que nos atinge, como reza a tradição médica, a letra torna-se carta e o sujeito seu destinatário. Ela, porém, só comporá texto, só fará história, graças ao teatro histórico. Nessa *historisterização* que nada mais é do que o relato para o Outro de suas peripécias com o gozo, a histórica redige um drama de sedução e trauma. Ao analista é dado o papel do detetive-arqueólogo. Sua arte é fazer com que a leitura deste memorial da libido tenha efeitos sobre o corpo. Há, porém, outros caminhos de conexão entre a cifra do sintoma e o Outro, dois deles fazem hoje sucesso. No primeiro, a cifra será localizada na imagética neuronal e aprisionada na quantificação. No segundo, reproduzindo o DSM no plano do cotidiano, traços de gozo como “penso com a geladeira aberta” ou “odeio segunda-feira” definem comunidades e uma lista dinâmica de comunidades, por sua vez, constitui uma identidade. O Outro de nossos dias se oferece, assim, como *grande Ordinal* ou *grande Orkut*.⁹

9- A felicidade do sintoma

No coração do sintoma, portanto, não há texto (que sempre exige redação e leitura). Melhor dizer que, ali, há, no máximo escrita – riscos sem régua nem compasso. Lacan, como destaca J. A. Miller, dá preferência, a partir do *Seminário 10*, a este lado “rabisco” da letra, em vez de seu uso como carta. Aposta que uma vez destituído, no tratamento, o destinatário, podemos traçar um novo destino com estes objetos-letra que

restam. A psicose tem novamente algo a nos ensinar. Nela, não há teatro e mesmo assim o sintoma pode servir. Não há, aqui, arqueologia do sintoma. Em vez da busca do mais profundo, apenas a costura de uma conexão com o Outro. É o que se destaca da expressão *savoir y faire*, proposta por Lacan para designar o que conta ao final de uma análise, este trabalho artesão. Ele está, inteiro, contido no ‘y’ que, na expressão, sustenta um “aqui e agora”, ali, na situação, um valor pragmático (promovido recentemente por J. A. Miller). Numa tradução mais que livre poderíamos trocar o “y” por um “o” e dizer que a psicanálise coloca a céu aberto o trabalho do sintoma nem tanto como o de um *fazer o saber leitura* e sim *fazer o saber conexão*. Neste fazer, o essencial é o quanto ali se inclui de improviso, o quanto de novo é necessário forjar a partir do encontro entre o *bric-à-brac* de letras do sintoma com o Outro. Do sintoma não nos livramos, o que não nos impede de usá-lo livremente. Este é trabalho que dá a felicidade da afirmação de Lacan, “O sujeito é feliz”.¹⁰

10 – A felicidade Rosa

Noel Rosa pode nos ajudar, para concluir, a imaginar estas difíceis noções, mais especificamente seu samba *Três apitos*.¹¹ Conhecemos a história e seu drama pode ser resumido da seguinte forma: sua mulher o abandonou porque não quer um boêmio. Ela trabalha na fábrica de tecidos enquanto ele enquanto ele, diante do impossível da relação, lamenta sua perda. O impasse está aí e a canção acena com três possibilidades de solução.

A primeira seria tornar-se gerente da fábrica. *Você não atende a buzina do meu carro, mas atende o chamado do gerente*. Ele ganharia a identidade socialmente aceita e desejada pela mulher. Teria o corpo correto, mas não o gozo. Seu gozo, mesmo que não possa dizê-lo integralmente, já lhe é um pouco conhecido. Seu “destino foi traçado no baralho”, ele é um “poeta muito soturno” e para ele, gozo, só à noite. A segunda opção seria *virar guarda noturno*. Esta solução é aparentemente bizarra porque o guarda noturno não é exatamente uma identidade (ao menos não tão claramente definida). É mais uma nomeação, que em seu sentido próprio não tem conteúdo, não define o que se é ou o que se deve fazer, apenas confere localização. Como o “34-43-33” de outro samba célebre, ele teria agora, com esta nomeação, um “escritório”. Neste caso ele se resumiria a um horário fixo que, no entanto, lhe daria a possibilidade de encontrá-la ao menos duas vezes por dia. Finalmente, há a possibilidade de um trabalho eternamente recomeçado, durante a madrugada, pois enquanto ela dorme ele faz *estes versos para você*.

Três soluções, cada uma feliz a seu modo. A felicidade do sintoma, se levamos a sério a teoria dos nós, não será nenhum destes caminhos em si. Ela terá algo do imaginário da identidade, do simbólico de um nome vazio e do real de um fazer. Não haverá, porém, nem progressão, nem hierarquia entre eles, mas apenas o tecer de um fio a mais, quarto elo que os entrelaça e articula *dando o tom*.

Que neste esforço de imaginação me seja permitido, para materializar este fio, bulir com um monstro sagrado. A marca-objeto que interessaria ao analista de Noel, se ele precisasse de um, não seria tanto o estrago do fórceps. Com a deformidade que o Outro, de um jeito ou de outro, sempre imprime em nós, pouco podemos fazer, além de revolta inútil e conformismo. No traço dessa marca, porém, aninha-se o real de um gozo com que há um mundo a fazer. Não é o que vem alojar-se na garganta de Noel como aquela voz tão singular, entre rouca e estridente, quase feminina, que nos chega de um outro século? Marca na carne, ela se torna marca-registrada, estilo que marca. É esse o fazer maior de Noel quando tece essa canção. Vocês nunca ouviram a voz dele?

Apurem os ouvidos e ouçam de novo o samba. Ela sempre esteve ali, quem quer que seja o cantor. Uivo do apito, ela atravessa toda a música, dá pano pra manga e vem assentar-se, macia, no batucar do piano.¹²

¹ “O que poderia, juntamente com o ato analítico tal como Lacan o definiu, ganhar lugar como ação psicanalítica, ou mesmo, ousaria dizer, como ação lacaniana, que pudesse propiciar, deste ato, suas conseqüências na sociedade? (...) Este é certamente o campo que de agora em diante se abre para nós”. Miller, J. A. “Um Esforço de poesia” Curso da Orientação lacaniana, (lição 5/3/2003). Inédito. Cf. Lutterbach-Holck, A. L. e Vieira, M. A. A

ação lacaniana e o Digai – Maré, Correio, n. 57, EBP, 2007 .

² Lacan, J. O Seminário Livro 5, lição VI-3, Rio de Janeiro, JZE, 2000, p. 124.

³ Miller, J. A. *El outro que no existe y sus comités de ética*, Buenos Aires, Paidós, 2005, p. 17.

⁴ Seria preciso distinguir o uso matemático ou matematizado do vazio, que não apela para uma metafísica do negativo, de seu uso metafórico. Refiro-me aqui apenas a este último. Lacan estava bem atento aos perigos a um uso exclusivamente metafórico do vazio, que poderia conduzir a uma teologia do inconsciente como saber revelado, incognoscível, pura mística da Presença (cf. por exemplo *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 358).

⁵ Cf. Lacan, J. O Seminário, livro 3, Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 180. Alexandre Koyré destaca, com Paracelso, uma época que, como a nossa, funciona no registro de um “tudo é possível” quando a transmutação dos metais, entre mil e uma estrepulias da substância vital do universo era uma realidade. Somente a partir do modo como a ciência moderna passou a abordar a natureza algumas coisas passaram a ser possíveis, outras não. Segundo Koyré, chegamos ao *não-ser* a partir do *não-poder* e não o contrário. Hoje estamos novamente em tempos como os de Paracelso. Só que, em uma irônica inversão, é a própria ciência, a mesma que veio instaurar o impossível no mundo, que passa a trazer a ele novamente a idéia de um “tudo é possível” (cf. Koyré, A. *Paracelse*, Paris, Allia, 2004, p. 63 e 35).

⁶ Cf. Lipovetsky, G. apud Laurent, E. Laurent, E. *Ciudades analíticas*, Buenos Aires, Tres haches, 2004. p. 137.

⁷ “A palavra [*mot*] não é signo, mas nó de significação” LACAN, J. “Formulações sobre a Causalidade Psíquica”, *Escritos*, Rio de Janeiro: JZE, 1998 pag. 167. Adiante (p. 235) ele equipara sintoma e palavra, o que nos permite a aproximação, finalmente ele afirma que a sobredeterminação freudiana é um nó (p. 270). O trabalho de J. A. Miller, que situa o sintoma como aparelho é o que nos permite avançar o que segue (cf. J. A. “Teoria do parceiro”, *Os circuitos do desejo*, 2000, p. 185 e seguintes). Sobre a violência contemporânea da democracia das diferenças desimportantes cf. Badiou, A. *Ética*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 31 e seguintes. Finalmente, quanto ao dito de Lacan sobre o corpo que se tem e não que se é cf. Lacan, J. *Outros Escritos*, op. cit. p. 561.

⁸ Lacan, Jacques. “Conferência de Genebra sobre o sintoma”. Em: *Opção Lacaniana*, n.º 23, São Paulo, EBP, dezembro de 1998, p. 13. Lacan, porém, como destaca J. A. Miller (Miller, J. A. Introdução à leitura do seminário 10 de J. Lacan, *Opção lacaniana n.43*, op. cit., p. 50), prefere, a partir do *Seminário 10*, o objeto ao falo, o resto ao vazio, em suma, *da letra, o lixo*. Para variar, ele radicaliza, e ao final de seu ensino estabelece: podemos ir do sintoma ao sinthoma, da trama à trança. Destituído o destinatário, dita-se um destino (Cf. “Lituraterra”, *Outros Escritos*, op. cit. p. 15). Para a definição do sintoma com acontecimento de corpo cf. *Outros Escritos*, op. cit. p. 565).

⁹ Lacan, Jacques, *Outros Escritos*, op. cit. p.).

¹⁰ Cf. Lacan, J. “Televisão”, *Outros Escritos* op. cit. p. 525. Para o tema do saber fazer, cf. Miller, J. A. “Teoria do parceiro” *art. cit.* e ainda Miller, J. A. “A invenção psicótica”, *Opção lacaniana*, n. 36, maio de 2003, pp. 6-16.

¹¹ Quando o apito da fábrica de tecidos / Vem ferir os meus ouvidos / Eu me lembro de você / Mas você anda / Sem dúvida bem zangada / Ou está interessada / Em fingir que não me vê / Você que atende ao apito / De uma chaminé de barro / Por que não atende ao grito tão aflito / Da buzina do meu carro? / Você no inverno / Sem meias volta ao trabalho / Não faz fé com agasalho / Nem no frio você crê / Mas você é mesmo / Artigo que não se imita / Quando a fábrica apita / Faz reclame de você / Nos meus olhos você vê / Como sou cruelmente / Com ciúmes do gerente impertinente / Que dá ordens a você / Sou do sereno / Poeta muito soturno / Vou virar guarda noturno / E você sabe porque / Mas você não sabe / Que enquanto você faz pano / Faço junto do piano / Estes versos prá você.

¹² “O pai é este quarto elemento (...) sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real. Mas há um outro modo de chamá-lo É nisso que o que diz respeito ao Nome-do-Pai, no grau em que Jyce tetemunha isso, eu o revisto hoje com o que é conveniente chamar de sinthoma” (Lacan, J. *O Seminário livro 23*, Rio de Janeiro, JZE, 2007, p. 163). Para uma revisão da teoria do nó como articulação dos três registros de Lacan (real, simbólico e imaginário), assim como do sinthoma do nó como quarto elo, cf. Skirabine, P. “Nó” *Opção lacaniana*, n. 50, pp. 242-245.